

Prosseguindo em sua marcha o exército macedônio arrebatou Gaza, o ferrolho do vale do Nilo. Constatando que qualquer resistência seria inútil, o governador persa entregou o país sem combate.

Foi como libertador, em meio ao entusiasmo popular que Alexandre fez sua entrada no Egito. O exército e a armada a comando de Hefesto, encontraram-se em Heliópolis, a cidade do Sol, símbolo da vitória e em Mênfis, a capital dos reis onde fixara residência, Alexandre recebe o colégio sagrado dos sacerdotes de Amon (seu protetor) que vêm oferecer-lhe a tiara dos faraós.

No templo de Ptâh, no decorrer de uma cerimônia, acessível somente aos iniciados, tem lugar a sagração; o grande sacerdote de Ptâh despojou Alexandre de suas vestes e este purificou-se num banho de água lustral; o grande sacerdote pôs suas mãos sobre ele, depois untou-o com o óleo santo em todos os pontos que são os centros ocultos da vida <sup>19</sup>, a seguir vestiram-lhe as roupas da realeza; ele sentou-se no trono dourado, pôs a mitra branca do Baixo Egito e o almofariz vermelho do Alto Egito; a coroa *Atef* do deus Râ, a faixa da cabeça *Seshed*, a coroa de pele azul ou *kheperesch*, a coroa *ibes*, por fim o diadema feito de altas plumas de avestruz. Alexandre então realizou a "subida real" penetrando num grande "naos" de granito rosa, colocado sobre um pedestal de argila e cercado de este a oeste dos colossos osiriacos. Na impressionante penumbra foi chamado "filho de Amon" e graças a ele reinaria sobre todos os domínios do Sol <sup>20</sup>. En-

19. Os *chakras* são os centros de força do homem. O termo é hindu e significa "roda". Em número de sete (número sagrado, esses centros conhecidos pelos iniciados desde a mais alta Antiguidade, foram descobertos novamente no Ocidente no século XX pela prática do yoga. Os diferentes *chakras* são, partindo de baixo: o *chakra* umbilical, o *chakra* do coração, o *chakra* da garganta, o *chakra* da frente e por fim o *chakra* do lótus (alto da cabeça). Cada centro é um ponto de energia, sol em miniatura situado ao longo da corrente de energia vital formada pela "serpente de fogo" circulando ao longo da espinha dorsal. O despertar dos diferentes *chakras* segundo técnicas secretas acarreta o aparecimento de poderes além do normal ligados a uma progressão espiritual correspondente. Quanto à origem dessa corrente de energia verdadeiramente prodigiosa não se pode explicar senão pela condensação no homem das FORÇAS SOLARES veiculadas pelo éter. (Para um mais amplo desenvolvimento ver a obra de C. W. LEAD-BEATER, *Les Centres de force dans l'homme*, Adyar, Paris, 1927).

20. C. DESROCHES — NOBLECOURT, *Vie et Mort d'un pharaon*, Hachette, 1968, pag. 175.

Horus  
Egípcio

Alexandre = Deus-Sol

legam-lhe finalmente os símbolos de realeza: o cetro com asa, símbolo da vida e o *flabellum* ou chicote, sinal de todo poder. Só então foi investido do grande nome e enumera-se o enunciado de seus títulos reais: "filho de Horus, rei do Alto e Baixo Egito, eleito do Deus-Sol, Alexandre o bem-amado de Amon, senhor das ascensões como o deus-Sol por toda a eternidade".

Achando-se herdeiro do último faraó expulso pelos persas, Alexandre prosterna-se diante da estátua de Nectanebo e beija-a na boca para receber o alento de seu predecessor.

Visitando seu novo reino decide construir um grande porto no delta do Nilo, que se chamaria Alexandria em lembrança de seu nome. Os planos são confiados ao grande arquiteto grego Dinocrato e a cidade se tornará a capital da cultura helênica. Aproveitando o tempo de interrupção da guerra, Alexandre quis fazer uma peregrinação há muito desejada: a visita ao oráculo de Amon. Antes do combate decisivo contra Dario tinha necessidade de ficar sozinho com seu "pai espiritual".

Acompanhado somente de alguns fiéis Alexandre se pôs a caminho para o oásis de Siauah situado no deserto da Líbia há trezentos quilômetros no interior das terras. Não era um passeio, porém uma viagem que durava oito dias a pé — nessa época não utilizavam camelos — através de um deserto de areia ardente. Alexandre encontrou-se numa tempestade de areia que o fez perder o caminho, mas o vôo dos pássaros guiou a pequena tropa até o oásis. A sede fez-se logo sentir, pois não havia água, mas Alexandre não se dava conta de coisa alguma: estava transportado por seu sonho como num estado secundário e quando chegou ao pé do pequeno templo escondido entre um punhado de palmeiras, caiu de joelhos agradecendo ao céu. Alexandre foi recebido pelos sacerdotes de Amon e introduzido sozinho no santuário. Pôde contemplar a barca simbólica que continha a imagem divina. Diodoro da Sicília conta assim:

O ídolo do deus Amon está recoberto de esmeraldas e de outros adornos e produz os oráculos de maneira particular. É levado pelos oitenta sacerdotes numa longa barca de ouro, sustentando o deus sobre os ombros os sacerdotes dirigem-se automaticamente para onde o conduz a vontade divina. Atrás deles vem a procissão das jovens e das mulheres que cantam durante todo o percurso hinos e orações.